ÓPERA, REPÚBLICA E NACIONALISMO: UM ESTUDO SOBRE A REPRESENTAÇÃO DE CARLOS GOMES COMO HERÓI DA PÁTRIA NA ERA VARGAS (1930-1945).

Kleiton de Araújo Santos
Mestrando do PPGH – UNICAP
kleiton.daraujos@gmail.com

RESUMO

Getúlio Vargas governou o Brasil de 1930 a 1945, ficando marcado pelo golpe que instituiu o Estado Novo em 1937. Com a intenção de compreender a apropriação e a representação do compositor Antônio Carlos Gomes na Era Vargas, percebendo o momento histórico e a intenção de construir uma representação fundamental para a produção de uma identidade sociocultural, o projeto pretende analisar como o governo Vargas utilizou da arte, da literatura e da ressignificação deste símbolo do período imperial para instauração de seu processo cívico na República. Nesse sentido, a pesquisa adentrará na compreensão da produção impressa para a educação cívica e artística, nas biografias e matérias jornalísticas desta época sobre Carlos Gomes, que eram atividades controladas pelo DIP – Departamento de Imprensa e Propaganda, para entender este processo que fez o compositor deixar de ser *persona non grata* e símbolo do Império, a ser considerado "um herói da pátria" na República. O único brasileiro até então consagrado mundialmente com suas composições e estilo operístico, teve sua trajetória apontada, como um exemplo de êxito da arte brasileira, onde sua representação operística do "nacional" tornou-se a exaltação ideológica de um Nacionalismo a ser aplicado. Para isso, no campo da História Cultural segundo conceitos de Peter Burke e de representação de Roger Chartier, metodologicamente utilizaremos a Hermenêutica segundo François Dosse e a História dos Conceitos do historiador alemão Reinhart Koselleck.

Palavras chaves: Carlos Gomes, Nacionalismo, Ópera, Era Vargas.

Durante as últimas duas décadas, retomado como tema de pesquisas em grande proporção nos campos de estudos da musicologia, através de teses, dissertações e ensaios sobre sua obra, estudos estes que se tornaram importantes livros para a bibliografia musical, encontra-se a vida e a obra singular do caboclo compositor Antônio Carlos Gomes (1836/1896), o brasileiro *nhô tônico* de Campinas.

De acordo com a pesquisadora Flávia Camargo (1996), este retorno às temáticas de estudos, dar-se em grande parte, por ser ele considerado historicamente *"*o primeiro músico brasileiro a colher aplauso universal, mas é figura desconhecida na nossa Musicologia. Um levantamento grosseiro demonstra que até a década de 60 escrevia-se mais sobre ele do que de lá pra cá" (CARMARGO, 1996, p. 22). Atualmente, nestes importantes estudos musicológicos, vemos inseridos pequenos relatos e documentos históricos que possibilitam uma compreensão em parte da época a cerca dos pensamentos vigentes nos locais que este viveu e desenvolveu sua arte, sendo apontados através de análises de suas trajetórias profissionais, fatores que lhe deram importância, que segundo o musicólogo Marcos Virmond (2002) "Antônio Carlos Gomes foi o compositor mais importante da América Latina no século XIX e ainda pode ser considerado, junto com Villa-Lobos, o compositor brasileiro de maior expressão internacional" (VIRMOND, 2002, p. 47).

No entanto, ao levantarmos os campos dos estudos atuais sobre Carlos Gomes, percebemos que estes trazem em grande ênfase o discurso musical e teórico musical, encontrando sua vida e fatos históricos entrelaçados nas metodologias da musicologia, muito mais do que do campo da historiografia. Mesmo que muitos estudos acabem usando das metodologias da História como ferramenta, ao usá-las, concentram-se em trazer breves relatos históricos com a finalidade de alicerçar mais o entendimento estético-musical do período, sua relação com a Itália e com o estilo musical europeu, colocando em segundo plano o entendimento dos contextos sociais, políticos, históricos e culturais de sua trajetória. Estes estudos fazem esquecer muitas vezes as análises que vislumbre o campo das memórias e das permanências que favoreceram a construção da personagem histórica que é o compositor, além do seu uso em diferentes épocas e contextos para fins não exclusivamente musicais.

> Com Carlos Gomes ocorreu um processo bem mais explosivo, porém sua imagem sofreu o efeito das lentes modernistas (...) Foi assim, com a implantação da República, mas logo seguida por sua morte que envolveu o país. Se o modernismo conseguiu atingir sua imagem, entre os intelectuais, logo vieram às comemorações do seu centenário de nascimento, em 1936, encampadas pelo governo Vargas, que se aproveitou da própria

> popularidade do compositor, mesmo fazendo-a crescer ainda mais, como foi visto. (LUTERO, 2011, p. 299)

Presente nessa memória coletiva até dias atuais, a representação da personagem Carlos Gomes "Tem sido de um compositor tratado como assunto de efemérides – cultua-se-lhe a memória apenas em datas significativas de sua cronologia"[1] (VIRMOND, 2002, p. 56). Lembrado quase sempre durantes eventos comemorativos, é possível através destes, se procurarmos entender através das metodologias da história, encontraremos m diferentes períodos significativas estratégias sendo usadas para tentar construir e demonstrar que A. C. Gomes foi um gênio musical ou erudito em sua época, dando-lhe qualidades de um compositor muitíssimo competente e com conhecimentos musicais inatos e autonomamente desenvolvidos, tornando-o um modelo a ser seguido. Contudo, nesta perspectiva de investigação, dificilmente apresentam-se pesquisas que busquem o entendimento do compositor para além de sua época vivida, analisando as memórias e permanências através das redes sociais que o compositor estabeleceu para um inegável sucesso numa época de alta competitividade musical, ganhando status que impera até dias atuais. Assim, faltam estudos que busquem a compreensão de como o nhô Tônico se fez Maestro Carlos Gomes e como sua representação foi mantida e usada pelo poder governamental.

Portanto, se observarmos mais especificamente o período republicano e a representação construída pelo regime para alicerçar um modelo ideal civil, encontraremos peculiaridades, que, para a compreensão das estratégias e da preservação de suas memórias nesta época, será imprescindível observar a crítica especializada, as publicações em revistas, jornais, ensaios e periódicos da República e suas particularidades geradas a partir do controle da prática da censura. Poderemos ao estudar essa representação da personagem neste regime ter o entendimento da apropriação de elementos culturais não pertencentes a essa sociedade e sua ressignificação a partir do imaginário produzido por estes, além da receptividade que os intelectuais tiveram a essas correntes. Será assim possível

[1] VIRMOND, Marcos. Algumas reflexões em torno de Antônio Carlos Gomes. Mimeses, Bauru, v. 23, n. 1, p. 45-54, 2002.

através das desmitificações dos escritos sobre Carlos Gomes, este que virou símbolo patriótico, encarar como essa sociedade interpretava além da música os próprios artistas, e qual a significação lhes eram dadas para proveito do próprio regime.

Assim, como objetivo geral, este projeto pretende através do campo da História Cultural, compreender no projeto civilizador da Era Vargas, as estratégias e os impactos da fixação de valores presentes na representação do compositor Antônio Carlos Gomes, em que sua obra tornou-se modelo de exaltação ideológica para uma educação cívica, na tentativa de criar uma "identidade nacional", delineando "construções identitárias" em torno de uma ideia de nacionalismo.

Nos objetivos específicos, buscaremos compreender como *nhô tônico* se fez maestro Carlos Gomes, e na sua representação durante o Governo Vargas, os esforços de emoldurar a sua obra como de caráter nacional em busca de atender a necessidade do Estado de se criar um sentido de "unidade enquanto nação". Pretendemos analisar as estratégias e inovações produzidas pelo *DIP – Departamento de Imprensa e Propaganda* no Estado Novo, que usou da cultura brasileira, da interlocução entre os profissionais das artes, de intelectuais e das produções culturais para promoção dos ideais cívicos do governo e da imagem de Vargas. Também buscaremos compreender a ressignificação e inclusão das obras de Carlos Gomes no projeto de *Canto Orfeônico,* como um instrumento de contenção social, promovendo uma atuação do Estado na intenção de "integrar as partes desconexas da sociedade ao todo nacional", a partir da concepção francesa de meados do século XIX, que tinha o plano de transmitir a ideia de que a música poderia "apaziguar" e "harmonizar" as dissensões entre classes, na perspectiva de um ideal civilizador das camadas mais pobres. Analisaremos como pelos meios de comunicação, a arte erudita musical recebia apoio e sofria às voltas da censura do Estado Novo, e como a obra de Carlos Gomes abre precedentes na República para uma tentativa de reestruturação de uma Escola Operística Nacional Brasileira, favorecendo também o surgimento da Música Nacionalista Brasileira, onde por essas ações, sua memória também foi mantida.

Ainda, o estudo busca compreender de que maneira o discurso musical se associou ou fundiu-se ao discurso verbal e institucional deste governo, ampliando num sentido imagético as canções e músicas instrumentais, para solidificar simbolicamente uma ruptura dos moldes administrativos tradicionais, instituindo uma revolução cultural que guiou a ideia de construção da “Nação Brasileira”, pautada por ideais de identidade, unidade, coletividade e progresso.

Um dos pontos mais importantes para o estudo será o de observar e analisar as biografias que contem a trajetória do compositor, produzidas neste período, por outro olhar de entendimento histórico, percebendo e compreendendo nelas a influência do modelo nacionalista implantado pelo governo Vargas, que culminou na criação de personagens símbolos e de heróis da pátria para contar a história do país. Falar dessa simbologia é entrar também em entendimentos maiores. Nosso objetivo não é de relatar uma história factual, excessivamente preocupada com os acontecimentos, mas com o olhar da História Cultural, iremos procurar saber além dos acontecimentos, elucidar toda estrutura que permeia as transformações da personagem e suas relações som outros após sua morte, considerando diversos personagens que precisam ser analisados no que tange as relações interpessoais. Assim, além de se remeter a política e ao social, também é falar de representação artística e cultural da identidade nacional, e por consequência, da própria história da arte no Brasil.

Carlos Gomes mostrou que seria possível trabalhar com elementos que alicerçassem a construção de um caráter nacional musical, tanto para a música vocal com língua nativa, como para a composição instrumental com temas e ritmos nacionais. Este modelo que ganhou proporção maior com o sucesso do compositor, fora algo que acabou sendo retomado na República pelos modernistas, como Mário de Andrade, José Siqueira, Heitor Villa-Lobos, Camargo Guarnieri e Francisco Mignoni, dentre outros. A reestruturação de um cenário cultural no inicio do século XX, cujos moldes são baseados na exaltação do nacional e dos seus personagens nativos, da natureza, das culturas folclóricas e suas representações, influenciaram compositores que acabaram trazendo novas obras, que precisamos percebê-las,

como afirma o historiador Robert Darnton: “Uma obra tem uma significação no espaço de tempo de sua criação que pode não condizer com a de outros períodos, pois sua compreensão é pautada em representações próprias desse meio, direcionadas por elementos culturais” (DARNTON, 1986, p. 18).

Metodologicamente, a luz da hermenêutica com a visão de François Dosse, analisaremos as biografias heroicas *(historia magistra vitae)* produzidas sobre Carlos Gomes, também usaremos da História da leitura segundo Roger Chartier e da História dos Conceitos do historiador alemão Reinhart Koselleck para compreender os conceitos inseridos nos textos da Era Vargas sobre o compositor, para o compreende-los como uma estratégia para o civismo pregado pelo governo; Analisares os interesses do governo em forjar um modelo cívico, debatendo a partir dos discursos proferidos, compreendendo a posição de quem os utiliza, apontando as percepções do social, das estratégias e práticas que produziam (sociais, escolares, artísticas e políticas) para legitimar ou justificar este projeto reformador. Por isso esta investigação sobre as representações supõe-se estando sempre colocadas num campo de concorrências e de competições cujos desafios se enunciam em termos de poder e dominação.

Teoricamente, debateremos com História Cultural segundo conceitos de Peter Burke, o modelo de Representação segundo Roger Chartier, Memória segundo Émile Durkeinn e M. Halbwachs e as transformações da sociedade através de Lilia Moritz Schwarcz e André Botelho; Será pertinente usar os conceitos da Sócio-História através de Nobert Elias, do positivismo através de Auguste Comte, da formação do mundo contemporâneo com Eric Hobsbawm e Maurício Parada. Já para a compreensão da Era Vargas debateremos usando os estudos de Ângela de Castro Gomes, Maria das Graças Andrade Ataíde de Almeida, Joseph Campbell, Maria Helena Capelato, Ernst Cassirer. Marilena Chauí, Claude Lefort e Alcir Lenharo;

Ao privilegiar na análise as elites e os marginalizados, buscaremos as memórias subterrâneas que, como parte integrante das culturas minoritárias e dominadas, foram persuadidas pela inserção de processos que traziam à "Memória

oficializada do compositor", no caso, numa releitura da memória nacional, percebendo se há um caráter destruidor, uniformizador e opressor presente nesta memória coletiva nacional que foi institucionalizada através do *Canto Orfeônico*, por exemplo.

> "retificada como arauto de um paradigma da verdade, a Imprensa, foi escolhida, juntamente com a Educação e a Igreja, como um dos instrumentos decodificadores 'de uma visão de mundo para a sociedade civil', manipulando o imaginário social para atingir as aspirações, os medos e as esperanças da sociedade" (ALMEIDA, 2001, p. 29)

Um ponto que iremos nos debruçar sobre o modelo civilizatório será o conceito das palavras presentes nos discursos e materiais produzidos, como por exemplo, a palavra *Cidadania*[2] e seu contexto, a partir do novo sentido político de cidadão empregado na República. Para o entendimento das palavras de acordo com a época, utilizaremos os seguintes dicionários do período: *Novo Dicionário da Língua Portuguesa de Cândido Figueiredo (1926)*[3]; *Pequeno Dicionário Brasileiro da Língua Portuguesa*[4] *(1938); Grande e Novíssimo Dicionário da Língua Portuguesa (Laudelino Freire, 1939-1944)* para entendermos as definições e contextos das palavras usadas.

Contudo, utilizaremos como fontes outros materiais produzidos, como: programas dos concertos junto ao acervo do Teatro Municipal do Rio de Janeiro entre 1930 a 1945. Em relação aos arquivos da *Hemeroteca Digital*, traremos materiais de jornais da época como *Gazeta de Noticia, Diário do Commércio, Jornal Novidades*, dentre outros. Também utilizaremos os álbuns do *Canto Orfeônico*

---

[2] Instaurado pela relação com *citoyen (cidadão)* e suas transformações na *Revolução Francesa*, que deram origem à *citoyenneté (cidadania)*. A palavra derivada tem o seu primeiro registro atestado no Brasil em 1913, na segunda edição do Dicionário da Língua Portuguesa de Cândido de Figueiredo. Segundo Elias de Oliveira (2012), nos dicionários brasileiros de língua portuguesa, desde o primeiro, de 1938, e ao longo do século XX, no verbete cidadão, há uma diluição do sentido político nos discursos jurídico e urbano, em acepções como "habitante da cidade" e "indivíduo no gozo dos direitos civis e políticos de um Estado"; já no verbete cidadania não há sequer uma definição própria, mas um reenvio a cidadão por acepções como "estado de cidadão" ou "qualidade de cidadão". (ELIAS DE OLIVEIRA, 2012, p.106-107).

[3] A partir da 14ª edição, a palavra "Novo" sai do título da obra de Cândido Figueiredo, ficando somente Dicionário da Língua Portuguesa

[4] O Pequeno Dicionário Brasileiro da Língua Portuguesa é uma obra coletiva que teve nas suas primeiras edições como organizadores José Baptista da Luz, Hildebrando de Lima, Gustavo Barroso e Aurélio Buarque de Holanda Ferreira.

arquitetado por Villa Lobos com 89 páginas de partituras com canções nacionalistas editado pela Editora Vitale. Ainda dentro da área de divulgação do ideário *estadonovista*, analisaremos a publicação *Cultura Política - Revista Mensal de Estudos Brasileiros*[5]*,* produzida e publicada pelo D.I.P. Desse modo, outra importante fonte será a *Revista Brasileira de Música* publicada em 1936 em homenagem ao Centenário de Nascimento do Compositor, onde trazia inúmeras críticas e rememorava seus feitos e conquistas. Além disso, serão analisadas algumas biografias para alicerçarmos o entendimento do material produzido na época a respeito do compositor. Um das primeiras analisadas será o *A Vida de Carlos Gomes,* escrito por *Ítala Gomes Vaz de Carvalho* em 1936. A importância deste livro dar-se pelo fato que a mesma é filha do compositor, e até então, detentora dos direitos autorais e do acervo pessoal de Carlos Gomes. O livro é produzido a partir acervo em questão, composto por manuscritos, correspondências, fotografias e das mais variadas fontes. A autora escreve a luz dos efeitos da presença e ausência do pai durante a atribulada vida de um artista em busca de sucesso. Este fora escrito já durante o governo Vargas – pós-revolução de 30 e os efeitos do esquecimento proposital da República – feito em comemoração ao centenário de nascimento do compositor. É importante ressaltar que dois anos depois a ser escrito o livro, Ítala inicia um processo de doação de todos os documentos e acervos do pai que estava sobre seu domínio, doando-o ao Museu Histórico Nacional do Rio de Janeiro da então capital do país.

> Com a venda de seus manuscritos e a doação de seus objetos, a filha Ítala, traço de união entre o pai, sua obra e seu acervo e guardiã única de sua herança artística, se desliga dos manuscritos e objetos, os quais a partir dali entrariam a fazer parte do patrimônio da nação. (GOES, 2008, p. 337).

[5] . A revista tinha como propostas principais a promoção de nova concepção de cultura, unificando a ordem política e social sob a égide do Estado, e o esclarecimento do rumo das transformações políticas e sociais em curso no país. Por outro lado, as relações do DIP com a imprensa caracterizaram-se sempre pela ocorrência de numerosos atritos. Já em março de 1940, registrou-se um dos casos mais notórios de intervenção em jornais, com a invasão pela polícia de *O Estado de S. Paulo*; o jornal permaneceu sob intervenção do DIP até o final do Estado Novo. https://cpdoc.fgv.br/producao/dossies/FatosImagens/DIP, pesquisado em 25/11/2018.

Para alicerçar o entendimento da crítica e dos estudiosos musicais da época, um livro importante será o "*Bibliografia musical brasileira*" (1952) escrito por Luiz Heitor Correia de Azevedo, considerado um dos mais renomados estudiosos da música brasileira do século XIX e XX, como também a obra de Vicente Salles, *Bibliografia brasileira de Antônio Carlos Gomes* (1996).

Dessa foram, o projeto analisará a produção de narrativas românticas para descrever o compositor com os livros: "*O Selvagem da ópera*", escrito por Rubem Fonseca em 1925, onde mistura realidade a ficção com uma história narrada em linguagem fílmica. Outros serão: *"Carlos Gomes" (1956)* de Jolumá Brito, "*Carlos Gomes, nhô tônico de Campinas*" (1975) de Guiomar R. Rinaldi, e ainda o livro *"O Brilho da Supernova – A morte bela de Carlos Gomes" (1995*) de Geraldo Mártires Coelho. Utilizaremos por estes escritores, terem escritos a luz das memórias e ressignificações produzidas nesta época.

Para entender a trajetória do compositor e utilizar cartas, arquivos, programas e outros detalhes do compositor, utilizaremos o livro de Juvenal Fernandes em *"Do sonho à conquista*" (1996), de José Penalva em *"Carlos Gomes, o compositor".* "*Bibliografia musical brasileira*" (1952) escrita por Luiz Heitor Correia de Azevedo, considerado um dos mais renomados estudiosos da música brasileira do século XIX e XX, como também a obra de Vicente Salles, *Bibliografia brasileira de Antônio Carlos Gomes* (1996).

Outro importante livro será *"Antônio Carlos Gomes - Correspondências italianas"* (1982) do italiano, historiador e musicólogo Gaspare Nello Vetro, onde o mesmo utiliza de inúmeras cartas e documentos para alicerçar seu estudo crítico sobre a trajetória do compositor na Itália, suas relações locais e com o Brasil. Outro importante livro será "*O Guarani e Colombo de Carlos Gomes"* de Salvatore Ruberti, um dos primeiros livros a analisar especificamente as obras deste, usando principalmente os aspectos teóricos e musicológicos, mas sem deixar dados importantes dados históricos e sociais que o levaram a escrever essas obras de sucesso. Ainda trarei análises dos livros *"Muito além do melodrama: Os prelúdios e sinfonias das óperas de Carlos Gomes*" (2006) escrito por Marcos Pupo Nogueira,

com análises importantes sobre as composições, como também, "*Carlos Gomes - Documentos comentados*" (2008) com um importante estudo paleográfico feito por Marcus Góes, um dos atuais especialistas no autor na atualidade, que buscou cartas, documentos na Itália, nunca descritos em livros, traçando fatos e acontecimentos sociais, políticos e econômicos que justificam os escritos. Ainda no livro "*Carlos Gomes, um tema em questão"* (2011), fruto de uma tese de doutorado, utilizarei de análises de Lutero Rodrigues, a cerca os ensaios escritos por Mario de Andrade, um dos primeiros a analisar a obra de Carlos Gomes após a criação da república, buscando respostas às questões que levaram ao quase esquecimento do compositor com a fim do Império.

Por que Carlos Gomes?

Percebendo o simbolismo e o misticismo em volta da vida e obra deste compositor, na transcrição de brasilidade de sua obra chamada musicalmente de *gomesiana*, acabamos vendo-a tipificada em um estilo de composição onde dela emanariam traços da cultura e da identidade brasileira, fator este, que o diferenciaria dos demais operístas da época, categorizando-o como genuíno compositor brasileiro, e exemplo a servir de inspiração, mesmo tendo escrito ele, em sua maioria, obras baseadas numa estética operística europeia italiana vigente no final do século XIX.

Só recentemente, após anos da instauração do regime republicano, mesmo após inúmeras repercussões culturais, concordantes e discordantes sobre o compositor, com a finalidade de dar-lhe o merecido reconhecimento, foi determinado pela Lei Nº 13.579, de 26 de Dezembro de 2017, sancionada pelo presidente Michel Temer, a sua inscrição no livro de aço dedicado aos heróis e heroínas da pátria, como cita o Art. 1º "Inscreva-se o nome do Maestro Antônio Carlos Gomes no Livro dos Heróis e Heroínas da Pátria, depositado no Panteão da Pátria e da Liberdade Tancredo Neves, em Brasília"[6]. Vale comentar que Carlos Gomes já havia sido reconhecido em outros títulos no antigo regime monárquico. Após fugir de Campinas

[6] https://acervodiario.com.br/maestro-antonio-carlos-gomes-tem-nome-inscrito-no-livro-dos-herois-da-patria.

para ir estudar música no Conservatório Real de Música do Rio de Janeiro, no dia 15 de março de 1860, por ocasião da festa de aniversário do conservatório, apresentou seu primeiro trabalho escolar, uma Cantata, e por ele recebeu a *Medalha de Ouro* da instituição oferecida pelo próprio imperador D. Pedro I. Já em 1861 após reger a sua primeira ópera ainda no Brasil, "*A Noite do Castelo*" recebeu na ocasião, de Dom Pedro II a condecoração da *Comenda da Ordem da Rosa*[7]*,* pela ópera e como exaltação de sua importância para essa nova nação. A Ordem da Rosa premiava militares e civis, nacionais e estrangeiros, que se distinguissem por sua fidelidade à pessoa do Imperador e por serviços prestados ao Estado, e comportava um número de graus superior às outras ordens brasileiras e portuguesas então existentes. Já na Itália, país no qual estudou regência e composição com bolsa de estudos dada pelo império brasileiro, após a estreia no Teatro Alla Scala de sua terceira ópera em 19 de março de 1870 (a primeira escrita na Itália) ¨Il Guarany¨, baseada no romance homônimo de José de Alencar, com libreto inicial de Antonio Scalvini, terminando por Carlo d´Omerville, após estrondoso sucesso de crítica e público, recebe o do Rei Vittorio Emmanuelle (1820 a 1878) o titulo "*Cavaliere da Coroa de Itália*".[8]

Sendo perceptíveis que muitos dos estudos possuem como prerrogativa as definições de teorias e análises sobre a obra de Carlos Gomes, vemos o menor interesse a outros elementos e por isso justificamos a concepção do projeto para estudá-lo sobre o olhar da Nova História Cultural propriamente dita. Para Hanslick (1989), não podemos descartar sobre a criação de uma obra de arte ou artista a importância do estudo de outros campos que a eles circundam, como também, não podemos renegar e excluir outras áreas de conhecimentos, já que "a arte como manifestação do espírito humano também deve estar em relação alternante com as demais atividades: com as produções contemporâneas das artes plásticas e políticas, com as condições literárias, sociais e científicas de sua época, enfim, com

[7] D. Pedro I, Fundador do Império do Brasil, cria a Ordem da Rosa em 1829, em comemoração ao seu casamento com a princesa D. Amélia de Leuchtenberg. D. Pedro II não criou nenhuma Ordem nova, tendo sido o responsável, porém, por estabelecer os regulamentos da Ordem de Pedro I, deixados por fazer por seu pai. BORGES, Camila da Silva. Anais do XXVI Simpósio Nacional de História – ANPUH • São Paulo, julho 2011, p. 03

[8] *https://goo.gl/DYGbub*

as experiências e convicções do autor”[9] (HANSLICK, 1989, p.22). Entretanto, ele entende que estes questionamentos muitas vezes não são de interesse dos músicos performáticos em suas análises, apenas, e tão somente em alguns casos, aos que estudam a história da arte num todo. Ele faz a seguinte crítica aos que apenas vislumbram a estética em seus estudos musicólogos “a estética nada saberá das relações pessoais do autor, ela só ouvirá o que a própria obra de arte exprime e acredita nisso”. [10] (HANSLICK, 1989, p.22).

Observando neste contexto de estudos a construção de identidade sociocultural que utilizou como uma das ferramentas a arte e a literatura para a ressignificação de antigos heróis da pátria do período imperial, teremos a possibilidade, sobre o compositor e o período, de entrar na compreensão da produção biográfica, historiográfica, jornalística e ensaísta, a fim de entender através destas a sua imagem ressignificada e reconstruída neste período, analisando-a em como se deu esse processo, que fez com que o compositor deixasse de ser a *persona non grata e* símbolo do Império, renegado no início da República a voltar a ser considerado “um herói da pátria” no Estado Novo.

> Tiradentes e Rui Barbosa foram duas personalidades favorecidas pela máquina republicana, da mesma forma que a imagem de Carlos Gomes foi atingida por uma espécie de negativo desse processo. Em boa parte do século XX, ressalvando-se importantes exceções, Carlos Gomes foi renegado a segundo plano. Justamente ele que é o primeiro artista brasileiro a obter projeção internacional, que é o maior operísta da América. Na Primeira República, havia pelo menos um motivo fundamental para esse esquecimento: o nome de Carlos Gomes estava intrinsecamente ligado à monarquia e ao imperador deposto pelos militares. O compositor de Campinas e a ópera, o gênero musical por ele cultivado, foram associados ao passado. Devido a esses e a outros aspectos, a obra e algumas contribuições meritórias de Carlos Gomes deixaram de ser lembradas. (SABOYA, 2002, p 02)

Neste contexto, percebendo que Carlos Gomes desde o Império já estava inserido em um processo de formação da identidade nacional do povo brasileiro, poderemos entender a estratégia usada pelo no Estado Novo, para sucesso da reinserção do plano civilizatório, pois trabalharemos com a hipótese que já era

[9] Hanslick, Eduard. **Do belo musical.** Tradução de Nicolino Simone Neto. Campinas: Editora da Unicamp, 1989, p.22.
[10] HANSLICK, Eduard. *op. cit.*, p. 80.

sabido que seria pertinente mexer com a vida social e conceitual para a finalidade de estabelecer novas estratégias de inserções de práticas culturais que pudessem motivar a uma inaudita propensão do civilizatório.

Seguindo uma corrente mundial de exaltação do nacionalismo patriótico, que é reforçado pelo emprego de palavras: *nação, pátria, brasileiros, irmãos*, que se inscrevem em dizeres e práticas que produzem sentidos de amor à pátria, ao regime e ao governo, estas palavras buscaram o sentido de irmandade entre os brasileiros, com o intuito de sustentar assim, o dizer dos presidentes em um discurso de exaltação patriótico que liga a pátria à família, pois "os valores proclamados: a Propriedade, a Família, o Estado, a Autoridade, a Pátria, a Cultura são apresentados como muralhas contra a barbárie, contra as forças desconhecidas de fora que podem destruir a Sociedade, a Civilização" (LEFORT, 1983, p. 119).

Vale comentar, que para esta compreensão, consideraremos que há poderes, tanto no político governamental, poderes das burguesias e poderes vindo do povo, que recebiam influências ativas provenientes de outros meios e lugares. Existia uma ânsia de se adequar ao modelo de civilidade do velho mundo em um momento em que os aspectos de identidade estavam fortemente influenciando as práticas governamentais. O plano possuía como arquétipo, subsídios teoricamente oriundos da Europa, sistematizados por uma cultura branca, cristã, conservadora, de onde importou tais elementos, a própria significação e até sua forma de compreensão da arte e do mundo civilizado.

Assim, a partir destas inserções do entendimento social, cultural, políticos e dos direitos, poderemos perceber que se geraram no Brasil múltiplas práticas e formas através das ressignificações. Não poderíamos deixar de apontar neste estudo o *Departamento de Imprensa e Propaganda* (DIP), criado por Getúlio Vargas em 1939, instituição que foi um instrumento de centralização do poder do Estado Novo. O DIP foi um sustentáculo do populismo e do autoritarismo de Vargas para instauração da censura e da produção de sua imagem de presidente defensor da nação e pai do povo brasileiro. Foi nestas práticas que o mercado artístico e cultural brasileiro recebeu significativo apoio às manifestações populares, no fomento da

produção cinematográfica e da radiodifusão, que culminaram no fortalecimento dos instrumentos de preservação do patrimônio histórico e artístico nacional no qual Carlos Gomes foi inserido, e até hoje é exaltado com a abertura de sua obra, I Guarany, como música tema de abertura do programa radiofônico “A Hora do Brasil”. O programa destinava-se a cumprir três finalidades: informativa, cultural e cívica. Além de informar detalhadamente sobre os atos do presidente da República e as realizações do Estado, a *Hora do Brasil* incluía uma programação cultural que pretendia incentivar o gosto pela "boa música" através da audição de autores considerados célebres, incluídas como parte cívica, pois tinha a proposta de "recardar o passado", em que se exaltavam os feitos da nacionalidade.

Através da repercussão que ainda permeia entre a elite e o poder durante esses dois últimos séculos, teremos a possibilidade de entender principalmente, como um mestiço se tornou símbolo de identidade e de trajetória a servir como exemplo nacional, por isso, seguimos o que Benjamin em seu livro “Sobre o conceito de História” ressalta sobre se estudar a história, “devemos despertar os mortos”[11]

Voltando ao debate das bibliografias sobre o compositor, entres embates de estética *versus* história, além da mistura entre acontecimentos e muita exaltação encontradas nos livros sobre este, percebemos que é possível acharmos nas inúmeras vertentes de pesquisas já realizadas, publicadas em estudos e teorias, livros, artigos, teses, dissertações, monografias, que estão a procura de criar classificações, catálogos, organogramas, que organizem a vida deste, numa estratégia de estudo que como cita Darnton, onde o pesquisador sai em busca de uma organização, mas percebe que “toda ação social flui através de fronteiras determinadas por esquemas de classificação, tenham ou não uma elaboração tão explícita quanto à de catálogos de biblioteca, organogramas e departamentos universitários (...) ordenamos o mundo de acordo com categorias que consideramos

[11] BENJAMIN, Walter Tese IX de “Sobre os conceitos de história” *apud* LÖWY, Michel *Walter Benjamin:*
Aviso de Incêndio - Uma leitura das teses “Sobre o conceito de história” (tradução das teses de Jeanne Marie
Gagnebin e Marcos Lutz Müller) São Paulo: Boitempo, 2005, p.87.

evidentes simplesmente porque estão estabelecidas”[12]. Essa medida acaba limitando o entendimento dos movimentos culturais, tentando periodizar, traçando marcos, partidas e fins para as ações, mas muitas vezes, esquecendo as relações extras e as permanências entre uma fase e outra. No entanto, não pretendendo formatar o trabalho em esquemas cronológicos, não descartaremos estas análises, pois nos trazem importantes elementos históricos que nos permitem conhecer a mais as inúmeras fontes, fases e acontecimentos que fizeram importante este caboclo que ousou em meio aos monarcas a falar como igual, recebendo destes, momentâneos reconhecimentos e atenção, até quando fora oportuno, permitido e respeitado os então governantes.

Assim, vemos como pertinente, o tema multidisciplinar deste projeto, pois será possível ir um pouco mais além desta proporção de trabalhos produzidos do século XX para cá; este deseja ultrapassar as contribuições para a música brasileira, que em diferentes vertentes de estudos já apresentaram aspectos da música em geral, mas, no entanto, desejamos adentrar no campo do simbolismo que a envolve, ao ponto da construção de uma personagem que faz parte de um imaginário nacional. O trabalho acaba tendo como foco a sua reconstrução como ícone de patriotismo durante o Estado Novo do governo Vargas e na busca de quais motivos e estratégias foram usadas para tal feito. Sobre os vários outros campos de análises que são frutos das diversas correntes interpretativas musicais, antecipamos que as utilizaremos como fonte consultiva, principalmente pelo seu levantamento histórico musical, mas nosso foco será de tratar este artista em uma análise histórico-social de sua arte ressignificada, vista pelo olhar da história da arte e da história cultural.

[12] DARNTON, Robert, *op. cit.*, p. 249-249.

REFERÊNCIAS

ABREU, Regina. **A fabricação do imortal: memória, história e estratégias de consagração no Brasil**. Rio de Janeiro: Rocco: Lapa, 1996.

ALONSO, Angela. **Ideias em movimento: a geração 1870 na crise do Brasil-Império**. São Paulo: Paz e Terra, 2002.

_____. **"A teatralização da Política: a propaganda abolicionista".** In: Seminário temático sociologia, história e política. Programa de Pós-Graduação em Sociologia, USP, 2010.

ANDRADE, Mário de. **Ensaio sobre a música brasileira**. 3ª ed. São Paulo: Vila Rica; Brasília: INL, 1972

ANDRADE, Mário de. **Aspectos da música brasileira**. São Paulo: Martins Editora, 1975.

_____. **Compêndio de história da música**. São Paulo, Chiarato, 1929

ANDRADE, Mario. **Pequena História da Música.** São Paulo, Martins, 1951.

ANDRADE, Ayres de. Francisco Manoel da Silva e seu tempo: 1808-1865, **Uma fase do passado musical do Rio de Janeiro à luz de novos documentos.** Vol 2. Rio de Janeiro, Edições Tempo Brasileiro.

_____. **Música e jornalismo: diário de São Paulo**. São Paulo: Hucitec/Edusp, 1993. BALAKRISHNAN, Gopal (Org.). Um mapa da questão nacional. Rio de Janeiro: Contraponto, 2000.

BARROS, José D`Assunção. **O campo da história: especialidades e abordagens**. Petrópolis, RJ: Vozes, 2004.

BENJAMIN, Walter. **Tese IX de "Sobre os conceitos de história**" *apud* LÖWY, Michel *Walter Benjamin: Aviso de Incêndio - Uma leitura das teses "Sobre o conceito de história"* (tradução das teses de Jeanne Marie Gagnebin e Marcos Lutz Müller) São Paulo: Boitempo, 2005.

BURKE, Peter. **O que é História Cultural?** Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2005.

BOTELHO, André; SCHWARCZ, Lilia Moritz. "**Esse enigma chamado Brasil: apresentação"**. In: BOTELHO; SCHWARCZ (Orgs.), Um enigma chamado Brasil: 29 intérpretes e um país. São Paulo: Companhia das Letras, 2009.

BRANDÃO, Gildo Marçal. **Ideias e argumentos para o estudo da história das ideias**. In: MARTINS, Carlos Benedito; LESSA, Renato. Horizontes das ciências sociais no Brasil: ciência política. São Paulo: ANPOCS, 2010.

BOCANERA JR., Sílio. **Um artista brasileiro**. Bahia: Typographia Bahiana, 1913.

CAMARGO, Flávia Toni. **Revista Inst. Est. Brasileiro**, SP, 40:253-270, 1996

CARVALHO, Itala Gomes Vaz de. **A Vida de Carlos Gomes**. 2 ed. Rio de Janeiro: A Noite, 1937.

CERTEAU, Michel. **A cultura no plural**. Campinas, SP: Papirus, 2005.

CHARTIER, Roger. **O mundo como representação**. *In* Estudos Avançados: Revistas das Revistas, Scielo – Brasil.

COELHO, Geraldo Martires. **O Brilho da Supernova: A morte bela de Carlos Gomes**. Rio de Janeiro: Agir, 1995.

COELHO, Geraldo Mártires. **O gênio da floresta: O Guarany e a ópera de Lisboa**. Rio de Janeiro: Agir, 1996.

COELHO, Lauro Machado. **A ópera italiana após 1870.** São Paulo: Perspectiva, 2002. ELIAS, Norbert. Mozart: a sociologia de um gênio. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 1995.

DIEHL, Astor Antônio. **As "brinca" e as "ganha": as ciências humanas em diálogo**. Passo Fundo: UPF editora, 2007.

DOSSE, François. **A História em migalhas: dos Annales à Nova História**. Trad. São Paulo: Ensaio; Campinas: Ed. Unicamp, 1992.

_____, François. **O Desafio Biográfico. Escrever uma vida**. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2009.

FALCON, Francisco José Calazans. **História e Historia Cultural: uma nova visão sobre a sociedade e a cultura**. Rio de Janeiro: Campus, 2002.

FAUSTO, Boris. **História do Brasil**. São Paulo: Ed. USP, 2015.

FERREIRA, Marieta de Moraes. (Coord). **Crônica Política do Rio Janeiro**. Rio de Janeiro: Editora da FGV, 1998.

____, Marieta de Moraes. **Getúlio Vargas: uma memória em disputa.** Rio de Janeiro: CPDOC, 2006.

_____, FERREIRA, Marieta de Moraes. **A História como ofício: a constituição de um campo disciplinar**. Rio de Janeiro: Ed. FGV, 2013.

CARULA, Karoline. CORRÊA, Magali Gouveia Engel (Orgs). **Os intelectuais e a nação: educação, saúde e a construção de um Brasil moderno**. Rio de Janeiro: Contra Capa, 2013.

GAY, Peter, O século de Schnitzler: **A formação da cultura da classe média 1815 – 1914**, São Paulo: Cia das Letras, 2002,

GÓES, Marcus. **Carlos Gomes: a força indômita**. Belém: SECULT, 1996.

GOMES, Angela de Castro. **A Invenção do trabalhismo**. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2011.

____, Angela de Castro. **História e Historiadores**. Rio de Janeiro: FGV, 2013.

____, Ângela de Castro. **História, ciência e historiadores na primeira república**. In: HEIZER. VIDEIRA (Orgs), *Ciência, Civilização e República nos Trópicos.* Rio de Janeiro: MAUAD Editora, 2010.

PANDOLFI, Dulce (Org.). **Repensando o Estado Novo. Rio de Janeiro**: Ed. Fundação Getulio Vargas, 1999.

HANSLICK, Eduard. **Do Belo Musical. Tradução de Nicolino Simone Neto**. Campinas: Editora da Unicamp, 1989.

HERMES, Pio Vieira **O romance de Carlos Gomes.** L. G. Miranda Editora, 1936

HOBSBAWN, Eric. **Nações e nacionalismos desde 1870. Rio de Janeiro**: Paz e Terra, 2002. RAYNOR, Henry. História social da música; da idade média a Beethoven. Rio de Janeiro: Guanabara, 1986.

IANNI, Octavio. **"Ciência e consciência social". In IANNI, O. Sociologia da sociologia latino-americana**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1971.

LESSA, Carlos. **Nação e nacionalismo a partir da experiência brasileira**, ESTUDOS AVANÇADOS 22 (62), 2008.

KOSELLECK, Reinhart**. Futuro Passado. Contribuição à semântica dos tempos históricos**. Rio de Janeiro: Contraponto, Editora Puc-RJ, 2006.

NELLO VETRO, Gaspare. **Antonio Carlos Gomes: Il Guarany**. Parma: Collezione di "Malacoda", 1996

NEVES, Lúcia Maria Bastos P. "**Intelectuais brasileiros nos oitocentos: a constituição de uma 'família' sob a proteção do poder imperial (1821-1838)".** In: PRADO, Maria Emília (Org.). O Estado como vocação: ideias e práticas políticas no Brasil oitocentista. Rio de Janeiro: Access, 1999.

NOGUEIRA, Lenita. "**Música e Política: o Caso de Carlos Gomes".** Trabalho apresentado no XV Congresso da ANPPOM, Rio de Janeiro – RJ, 2005.

NOGUEIRA, Marcos Pupo. **Muito Além do Melodramma: Os Prelúdios e Sinfonias das Óperas de Carlos Gomes**. São Paulo: UNESP, 2006.

NORBERT, Elias. **O Processo Civilizador**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1995.

PENALVA, José. **Carlos Gomes, o Compositor**. Campinas: Papirus, 1986.

PESAVENTO, Sandra Jatahy. **História e História Cultural.** 2ª ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2008.

SCANDAROLLI, Denise. **Projeto Lo Shiavo: as intermitências da criação.** Revista Música. v. 13, n. 1, 2012. p. 155-186.

SOUZA NETO, José Maria Gomes de. **Sonhos de Nabucodonosor: um ensaio sobre Estado Novo e Propaganda em Pernambuco**. Recife: EduPE, 2013.

TAUNAY, Visconde de. **Dois artistas máximos: José Maurício e Carlos Gomes**. São Paulo: Melhoramentos, s/d.

TAUNAY, Affonso d'Escragnolle. "**Algumas cartas de Carlos Gomes ao Visconde de Taunay**". Revista do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro. Rio de Janeiro: Typ. do "Jornal do Commercio", de Rodriguez & Cia, 1910/11.

VETRO, Gaspare Nello. **Antonio Carlos Gomes: carteggi italiani raccolti e commentati.** Rio de Janeiro: Cátedra/INL, 1982.

VIRMOND, Marcos. **Algumas reflexões em torno de Antônio Carlos Gomes**. Mimeses, Bauru, v. 23, 2002.